

E D I T O R I A L



Neste número do *CGTP Cultura* atribuímos particular destaque ao tema da memória sindical. Esta temática queda por aprofundar no nosso país e, apesar das louváveis, mas infelizmente ainda insuficientes, iniciativas no domínio da identificação e organização dos arquivos sindicais, muito está por fazer. A CGTP-IN pretende, deste modo, através do contributo de personalidades ligadas à investigação, aos arquivos e à actividade sindical, chamar a atenção para as potencialidades deste património, um património que é o testemunho das lutas que os trabalhadores portugueses têm vindo a travar pela melhoria das suas condições de trabalho, um património que urge preservar, organizar, disponibilizar, estudar.

Lembramos que o prazo de entrega dos trabalhos para o concurso de Conto e Poesia da CGTP-IN terminou no passado dia 27 de Abril, tendo contado com o total de 330 obras candidatas. Saliente-se a assinalável participação brasileira (16,32%), estando representados a maioria dos Estados, com destaque para São Paulo (41,03%). Em Portugal, todos os distritos estão representados, sendo a maior parte dos participantes oriunda de Lisboa (39,68%). Também a França, a Suíça e o Reino Unido estão representados no concurso, com uma participação cada.

De assinalar ainda os importantes avanços no que respeita o *dossier* Estatuto dos Profissionais das Artes do Espectáculo, nomeadamente a discussão que em torno da futura lei enquadradora da sua actividade se realizou no Parlamento. Um debate há muito aguardado, o reconhecimento da especificidade dos profissionais das artes no contexto laboral, um passo fundamental para a sua dignificação profissional.

Filipe Caldeira
Sónia Duarte

CGTP-IN CENTRO DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO

MISSÃO

→ O Centro de Arquivo e Documentação (CAD) da CGTP-IN tem como missão gerir toda a documentação produzida e recebida pela CGTP-IN (Confederação), independentemente do seu suporte ou data.

Relativamente à documentação de arquivo, cabe ao CAD a implementação de procedimentos com vista a racionalização e a eficácia na constituição, avaliação, aquisição, organização, conservação, divulgação e comunicação da documentação arquivística da CGTP-IN, alargando a sua área de intervenção a todo o ciclo de vida dos documentos.

No que respeita a documentação bibliográfica, o CAD tem como funções conservar, organizar e divulgar todo o fundo documental destinado a prestar apoio documental e técnico.

Disponibilizar o acesso ao fundo bibliográfico e documental a todos os sindicatos, dirigentes, delegados, funcionários sindicais e investigadores relativamente a todas as áreas essenciais para a prossecução da sua actividade, procurando facilitar sempre o acesso ao conhecimento.



VISÃO

→ O CAD pretende criar condições para que, assim que tenha consolidada a gestão documental no seio da CGTP-IN, possa assumir funções mais latas no âmbito do Movimento Sindical Unitário (MSU), recolhendo, organizando, valorizando e disponibilizando aos trabalhadores sindicais e ao público em geral o seu património arquivístico de valor histórico disperso pela estrutura sindical afecta à CGTP-IN.

O CAD pretende, igualmente, de forma gradual, assumir funções ao nível da normalização de procedimentos arquivísticos no quadro do MSU, definindo medidas ajustadas à realidade dos arquivos sindicais e esforçando-se pela sua aplicação generalizada.

A implementação de medidas conducentes a uma gestão mais rigorosa e racional do seu acervo bibliográfico pautará, ainda, a actuação do CAD.

O CAD espera, com a sua acção, criar condições para o estímulo da investigação relativa à história do mundo do trabalho, da realidade sindical e social.

ACERVO DOCUMENTAL

→ Fundo bibliográfico constituído por monografias, publicações periódicas e outras publicações (folhetos, panfletos, brochuras) elaboradas pela CGTP-IN (incluindo a revista *Alavanca*). Neste fundo estão considerados ainda os vídeos e CD-ROM para formadores;

→ Fundo Arquivístico CGTP-IN

→ Colecção de Fotografia;

→ Colecção de cartazes;

→ Documentação audiovisual e sonora

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

Dias úteis, de segunda a sexta-feira, das 9h30 às 13h00 e das 14h00 às 18h00



VALORES

- O acesso à documentação por parte de todos os trabalhadores e demais interessados, quaisquer que sejam as suas opções políticas ou religiosas, sem discriminação de sexo ou de orientação sexual, raça, etnia ou nacionalidade;
- Abertura à investigação e produção cultural;
- Abertura à colaboração institucional;
- Inovação;
- Aperfeiçoamento contínuo.

CONDIÇÕES DE ACESSO

- A documentação de natureza arquivística não se encontra ainda disponível para consulta;
- A documentação bibliográfica pode ser consultada localmente

EQUIPA

- Fernando Gomes (responsável pelo CAD)
fernando.gomes@cgtp.pt
- Filipe Caldeira (técnico superior de arquivo)
filipe.caldeira@cgtp.pt
- Sónia Duarte (técnica documental)
sonia.duarte@cgtp.pt

INSTRUMENTOS DE DESCRIÇÃO

- Lista com a organização temática da colecção de fotografia;
- Relação do material audiovisual objecto de transferência de suporte, realizado pelo Arquivo Nacional das Imagens em movimento (ANIM) Cinemateca Portuguesa;
- Base de dados (BiblioBase) para a documentação bibliográfica (monografias).

SERVIÇOS

- Apoio técnico, através de pesquisa orientada;
- Acesso à consulta da base de dados (BiblioBase);
- Acesso ao fundo bibliográfico e documental (incluindo informação legislativa: Diários da República e Boletins de Trabalho e Emprego);
- Reprodução de documentos, sujeita a pagamento;
- Difusão, através de um Boletim de Sumários quinzenal/mensal, de toda a informação bibliográfica que dá entrada no CAD.

UTILIZADORES / CONSULTA

- Dirigentes, funcionários da CGTP, funcionários e colaboradores do Instituto Bento Jesus Caraça (IBJC) e Escola Bento Jesus Caraça (EBJC), funcionários do INOVINTER, sindicatos filiados na CGTP);
- Outros interessados, mediante autorização e marcação prévia, são considerados utilizadores externos.



CULTURA,
DESPORTO E
TEMPOS LIVRES
MSU

**Sindicato dos
Professores da
Grande Lisboa
(SPGL)**

O SPGL tem
agendada a seguinte
exposição:

- **30 de Maio a
30 de Junho**
Óleo e Acrílico sobre
tela, de Céu Águas.



Contactos (sede):
R. Fialho de Almeida, 3
1070-128 Lisboa
Tel. 213 819 100
barbaracunha@spgl.pt
[Departamento Cultural]
www.spgl.pt



ARQUIVOS SINDICAIS

A IMPORTÂNCIA DOS ARQUIVOS SINDICAIS



1.º Maio 1979



1.º Maio 1982 , Porto

→ Para se fazer a história e a análise das relações de trabalho em Portugal, são fundamentais os arquivos sindicais.

Eles preservam perdas irreparáveis para quem queira conservar as fontes de evidência e prova de actividades e eventos e constituem repositórios da memória individual e colectiva, bases da identidade nacional e suportes de investigação científica. São necessários para fortalecer uma cidadania responsável e factores de desenvolvimento democrático.

Tanto a conservação dos documentos como a história oral (recolha de testemunhos e histórias de vida) são centros de consulta obrigatória, principalmente num país em que, infelizmente, ao contrário dos outros, é baixa a consciência da sua importância. No Reino Unido, por exemplo, criam-se museus, arquivos da história social das classes trabalhadoras muito importantes. Em Portugal, além de o nível de escolaridade e formação serem pouco elevados, houve quase cinquenta anos de regime autoritário, em que não só se destruíram inúmeros documentos da história dos movimentos sociais, que já por si enfrentavam a falta de liberdade, como também suportavam os efeitos das repressões e da censura.

Vou dar apenas um exemplo, entre muitos outros. Há alguns anos, quando fiz investigações sobre a Lisnave, instituição relevante para a história dos sistemas e das relações de trabalho, “salvei” várias pastas sobre as greves dos anos 40, que permitem reconstituir as relações ambíguas, evolutivas entre a administração da CUF, o Presidente do Conselho, o Ministério do Interior, a Pide e os sindicatos. Se isto não tivesse acontecido, o destino dos documentos teria sido a destruição. Poderia aqui convocar testemunhos de vários colegas meus, mas permitam-me que cite apenas o exemplo de José Pacheco Pereira, quando escreveu a biografia política de Álvaro Cunhal.

A digitalização de documentos para a preservação da memória e a divulgação de espólios constituem bases do património cultural do nosso país. Darei alguns exemplos: o inventário dos centros de informação e documentação, boletins, revistas, jornais, brochuras, correspondência, panfletos, fotografias, recortes de jornais, memórias, manuscritos, circulares, material iconográfico, autocolantes, listas eleitorais, relatórios, etc.

A documentação deve ser classificada e inventariada e depois colocada à consulta. Todos os cidadãos devem ter acesso livre aos fundos dos arquivos. Estas fases permitem a posterior realização de pesquisas, colóquios, seminários e publicações.

Com base nas considerações anteriores, gostaria de referir alguns exemplos, que não significam de modo algum o esquecimento de outros arquivos. Por um lado, o Arquivo de História Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Por outro lado, o Centro de Documentação do Movimento Operário e Popular do Porto, que tem a colaboração da União dos Sindicatos do Porto. Assim como o Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra.

Finalmente, a criação do Centro de Arquivo e Documentação da CGTP-IN, que recolhe testemunhos de sindicalistas sobre a actividade sindical na década de 1970, entre outros aspectos.

Com estas ilustrações julgamos que ficou evidenciada a importância, as potencialidades e as dificuldades dos arquivos sindicais em Portugal e o muito trabalho que há a fazer, quer no seu desenvolvimento, quer na sua articulação.

Marínus Pires de Lima

.....
Investigador Principal do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Professor do ISCTE

OS ARQUIVOS DOS SINDICATOS

UMA MEMÓRIA A PROTEGER E VALORIZAR

→ 1. A MEMÓRIA DO MOVIMENTO SINDICAL

Os arquivos dos sindicatos constituem uma importante memória do percurso histórico destas organizações na conquista e defesa dos direitos dos trabalhadores, na luta pela Democracia, quer em contextos de clandestinidade e repressão política, quer em períodos de expansão e afirmação social, como sucedeu logo a seguir à Revolução de Abril de 1974. Nesta perspectiva, complementam a memória que nos foi legada por organismos oficiais do Estado ou outras organizações, nomeadamente partidos políticos, sobre o papel do sindicalismo no país. Estudar e conhecer os seus arquivos é abrir caminho para o aprofundamento da essência e dos contornos da vida sindical, dos seus antecedentes históricos, da tentativa de controlo pelo Estado ou pelos partidos, das suas estruturas e dos seus agentes, das suas perspectivas ideológicas, dos limites e do alcance da sua intervenção na sociedade portuguesa, dos seus instrumentos de pressão, das suas ligações internacionais, etc.

Vários países têm promovido a salvaguarda e valorização desta memória arquivística, sobretudo a partir de três tipos de estruturas, que frequentemente usam a web para a disponibilização de conteúdos. Em primeiro lugar, os próprios arquivos e rede de arquivos das organizações sindicais, como sucede com a Red de Archivos Históricos da CC.OO a maior central sindical espanhola⁽¹⁾ com mais de 2000 metros de documentação, mais de 1/3 proveniente do fundo da CC.OO. Em segundo lugar, os arquivos públicos, como sucede em França com o Centre des Archives du Monde du Travail, que integra a rede de Arquivos Nacionais, e que tem por missão recolher, tratar, conservar e comunicar os arquivos privados “do mundo do trabalho”, tendo à sua guarda cerca de um milhão de fundos documentais⁽²⁾.

A terceira situação-tipo é a das entidades públicas e/ou privadas que procedem à recolha de fontes sobre o sindicalismo com vista ao seu tratamento, disponibilização e exploração pelos investigadores. É o caso, em Espanha, do Arquivo da Fundação Pablo Iglesias, que reúne documentação da UGT e de outras organizações e actores socialistas, como o PSOE e os seus políticos⁽³⁾. Muitas vezes este tipo de projectos envolve também parcerias com organismos universitários, como sucede em França, com o Centre d'Histoire du Travail⁽⁴⁾. Os exemplos de iniciativas de constituição de memória arquivística do sindicalismo multiplicam-se pela Austrália, Brasil, Espanha, EUA, Finlândia, França, Índia, Itália, Reino Unido, etc, podendo os interessados solicitar elementos adicionais sobre o tema ao Centro de Arquivo e Documentação da CGTP-IN.

Não podíamos deixar de falar do caso português, nomeadamente do Centro de Documentação “Movimento Operário e Popular do Porto”, que no contexto da Porto 2001 identificou o património arquivístico dos sindicatos e outras organizações de trabalhadores do Porto, através do levantamento, diagnóstico e inventário normalizado dos seus arquivos, incluindo o levantamento da informação sobre núcleos documentais custodiados por outras instituições públicas ou privadas⁽⁵⁾.

Outros casos poderão ser referidos, embora provavelmente sem o impacto do anterior. Um deles é o do Arquivo de História Social, do ICS da Universidade de Lisboa, nomeadamente o seu núcleo intitulado «Movimento Sindical pós-25 de Abril» que resulta da ofertas de vários doadores e que inclui publicações, circulares, listas eleitorais, manuscritos e relatórios oriundos da Intersindical (1974-1979). Está disponível para pesquisa on-line. Um outro exemplo é o SInBAD, da Universidade de Aveiro, que disponibiliza na web cartazes do movimento sindical português.



1.º de Maio 1974 [?]

→ 2. A OUTRA FACE DOS ARQUIVOS DOS SINDICATOS

Contudo, a visibilidade e o interesse que a documentação de arquivo que referimos apresenta para a investigação e o conhecimento do percurso do movimento sindical pode ofuscar uma outra dimensão do problema: os arquivos não são apenas fontes para a história. Eles são preciosos recursos informativos para a gestão quotidiana dos sindicatos, para garantir a transparência (democrática) das suas actividades, para a tomada de decisões nos processos de defesa e promoção dos direitos dos trabalhadores. Neste sentido, é necessário que estejam devidamente organizados, podendo, para o efeito, as organizações sindicais contactar com o apoio da DGARQ-Direcção Geral de Arquivos, como acontece com o Projecto de arquivo que a CGTP-IN pretende implementar e que esperamos possa constituir um exemplo de boas práticas neste domínio. É que a memória arquivística do sindicalismo também é construída (ou destruída) em cada dia que passa.

(1) www.archivoshistoricos.ccoo.es/reypatri.htm

(2) www.archivesnationales.culture.gouv.fr/camt/

(3) www.pabloiglesias.es

(4) <http://palissy.humana.univ-nantes.fr/labos/cht/presen.html>

(5) <http://cdi.upp.pt/>

Pedro Penteadó (*)

(*) Director de Serviços na DGARQ – Direcção Geral de Arquivos. E-mail: ppentead@iantt.pt. Agradeço a colaboração do Filipe Caldeira, da CGTP-IN, na reunião de alguns materiais de consulta para a elaboração deste texto.

Este meu testemunho como trabalhadora e sindicalista começa pelas origens.

Maria do Carmo Tavares



→ Intervir na defesa da classe trabalhadora, foi sempre uma motivação que me acompanhou, em grande parte, resultado da educação sobre os valores democráticos, transmitida pelo meu pai, que foi um grande lutador na sua actividade laboral, pelas 8 horas de trabalho e demais condições de trabalho em plena ditadura.

Mas foi no trabalho que desenvolvi e fui solidificando a minha consciência social e política e, felizmente, lidei sempre em ambientes de trabalho que também contribuíram para isso.

Pela dignificação da minha profissão comecei a dar os primeiros passos como militante sindical. Com o desenvolvimento, nomeadamente da indústria química no país, na década de 60, os analistas químicos tornaram-se um grupo profissional significativo e reivindicativo que levou à realização de várias movimentações e reuniões para que houvesse uma regulamentação para a profissão. Para isso, contribuiu decisivamente o ter havido eleições no Sindicato dos Químicos do Centro, em 1972, que “correu” com os dirigentes comprometidos com o regime fascista, tendo em 1973 sido criado um grupo de trabalho com analistas, no qual me incluía, que começou a elaborar os alicerces dum instrumento de trabalho, que foi publicado já depois da Revolução de Abril sob a forma de Portaria, assinada pelo então Secretário de Estado Carlos Carvalhas.

Uma nota de registo, para participar nessas reuniões eu trocava de turno com a minha ainda colega Aida, que dava todo o apoio, mas sempre receosa que algo me acontecesse de desagradável.

Com a Revolução de Abril, comecei uma intensa actividade sindical, tendo sido eleita como dirigente em Março de 1975. O seu início foi logo de uma grande exigência com a negociação do contrato colectivo vertical, de que me orgulho muito, para a indústria quí-



1.º Maio 1980

“Uma nota de registo, para participar nessas reuniões eu trocava de turno com a minha ainda colega Aida, que dava todo o apoio, mas sempre receosa que algo me acontecesse de desagradável.”

mica e que levou a grandes e aguerridas lutas dos trabalhadores do sector. Os resultados finais foram muito positivos em relação aos direitos consignados e, não é por acaso, que o patronato há alguns anos o ataca permanentemente, tendo como objectivo a sua caducidade.

Outros momentos que me marcaram muito como trabalhadora e sindicalista foi a luta pela unificação sindical contra a divisão do movimento sindical e o reformismo e o congresso de todos os sindicatos, em que a fornada de dirigentes jovens com outros mais velhos e mais experientes, consolidaram a CGTP Intersindical Nacional que somos hoje, democrática, unitária, de classe e de massas.

Neste percurso, já longo mas tão exaltante e de tantas conquistas obtidas, de tantas curvas difíceis, de tantas ofensivas, com percas para os trabalhadores e de 3 greves gerais vividas, há lutas que não poderei esquecer, pela sua dureza, e que tive a oportunidade de as viver por dentro, e que me deram maturidade e experiência, como seja a da Petrogal, em Abril de 1980, pela revisão do ACTV da justa reposição do poder de compra e que durou cerca de 1 mês, em que o Governo de Sá Carneiro decretou uma requisição civil ilegalmente decretada em que só foi possível aguentar contra ela por uma grande, grande resistência dos trabalhadores e infelizmente, como muitas das lutas dos trabalhadores, houve mártires com a abertura de

“Outra das lutas foi feita em 1979, pelos trabalhadores da Petroquímica e que levou ao primeiro corte de gás à cidade de Lisboa, com uma campanha difamatória em todos os lados, afirmando que as casas iriam sofrer explosões de gás e que nas ruas se iriam abrir crateras.”



1.º Maio 1992

11 processos disciplinares com intenção de 8 despedimentos, tendo sido despedidos 3 trabalhadores, sócios do meu sindicato, sendo o Vitorino delegado sindical e da CT. Outro aspecto a assinalar, foi a onda de solidariedade dentro da empresa, para pagar os salários dos trabalhadores suspensos.

Outra das lutas foi feita em 1979, pelos trabalhadores da Petroquímica e que levou ao primeiro corte de gás à cidade de Lisboa, com uma campanha difamatória em todos os lados, afirmando que as casas iriam sofrer explosões de gás e que nas ruas se iriam abrir crateras.

Fazer esta greve era tecnicamente bastante difícil, exigiu grandes responsabilidades dos trabalhadores, mas conseguiu-se. Essa luta foi contra o tecto salarial, imposto administrativamente que impedia livremente a negociação. Aliás, há que render homenagem a esses trabalhadores, que serviram de cobaias a essas políticas impostas por mais de uma vez pelos governos de então e que exigiu várias greves duríssimas. Nesse contexto, foram feitas requisições civis, tendo sido a empresa uma vez ocupada por forças da PSP armados. Aí sim, era um risco para a integridade das pessoas face à perigosidade da indústria. Isto

“Fazer esta greve era tecnicamente bastante difícil, exigiu grandes responsabilidades dos trabalhadores, mas conseguiu-se. Essa luta foi contra o tecto salarial, imposto administrativamente que impedia livremente a negociação.”

tudo porque os trabalhadores estavam muito unidos e firmes na sua acção.

Mas as lutas valeram a pena, porque conseguiram romper esse famigerado tecto e impor a negociação, que se veio a reflectir noutros sectores. São exemplos a não esquecer e tanto mais para os dias de hoje, em que há uma forte ofensiva, embora vividos em contextos diferentes. Mas há aspectos comuns e importantes na luta, como seja: a unidade e a convicção, para os trabalhadores saírem vitoriosos e muitas vezes as lutas têm que ser inevitavelmente prolongadas para se obterem os resultados necessários.

RETALHOS DE VIDA

Ao ser-me solicitado que fizesse um pequeno texto, para o boletim *CGTP-IN CULTURA*, no qual pudesse descrever uma experiência de vida, preferencialmente vivida no período da ditadura, colocaram-se-me várias hipóteses de abordagem, que passo a partilhar convosco:

→ Falar dos pormenores de uma infância atribulada em que, como muitas outras crianças, no início da década de 50, aos 10 anos, já era objecto de uma intensa exploração nos telhais, os quais foram magistralmente descritos por Soeiro Pereira Gomes, no seu livro *ESTEIROS*, que ele dedicou "*aos filhos dos homens que nunca foram meninos*".

Ou dos medos, das inseguranças e dos dramas vividos, por toda a juventude, nos anos sessenta, resultantes de uma guerra colonial injusta e fratricida que esteve na origem de milhares de mortos e estropiados e que tanta dor causou às famílias portuguesas e às das ex-colónias, hoje, felizmente, países independentes de expressão oficial portuguesa.

"E se falasse da riquíssima experiência adquirida nas lutas travadas, juntamente com os/as cerca de 400 operários/as, na fábrica para onde fui trabalhar depois de sair da prisão, em meados de 1973, por melhores condições de vida e de trabalho, na eleição de Delegados Sindicais, (...)"

Ou ainda das torturas e dos cerca de 2 anos passados nas prisões fascistas, de Caxias e Peniche, no início dos anos 70, onde contactei, entre outros, com destacados dirigentes comunistas como Dias Lourenço, Zé Magro, Dinis Miranda, Rogério Carvalho, Ângelo Veloso, e por onde, durante os 48 anos da ditadura, passaram milhares de democratas e antifascistas, com um somatório de muitos séculos de prisão, cujo único crime foi o de lutarem pela liberdade e pela democracia e pelo fim da ditadura dos monopólios e dos latifundiários?

E se falasse da riquíssima experiência adquirida nas lutas travadas, juntamente com os/as cerca de 400 operários/as, na fábrica para onde fui traba-

lhar depois de sair da prisão, em meados de 1973, por melhores condições de vida e de trabalho, na eleição de Delegados Sindicais, assim como de Delegados dos trabalhadores para a Higiene e Segurança, e da constituição de uma Comissão Sindical e de uma Comissão de Trabalhadores?

Aqui chegado, e como estamos num período em que, por todo o país e todo o mundo, os trabalhadores e as suas organizações de classe se movimentam para comemorar O DIA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES, assaltou-me a ideia de que talvez fosse ajustado falar do significado e da experiência vivida nas comemorações do 1º DE MAIO de 1962, em plena ditadura fascista.

Embora o texto, que se queria curto

José Ernesto Cartaxo



1.º Maio [19??]



“O 1º DE MAIO é uma data histórica e do mais profundo significado, a que estão intimamente ligadas muitas das maiores e mais exaltantes jornadas e movimentações de luta da classe operária e dos trabalhadores em geral, em todo o mundo,...”

e sintético, já vá longo, permito-me realçar dois ou três aspectos relacionados com esta importante efeméride.

O 1º DE MAIO é uma data histórica e do mais profundo significado, a que estão intimamente ligadas muitas das maiores e mais exaltantes jornadas e movimentações de luta da classe operária e dos trabalhadores em geral, em todo o mundo, pela melhoria das suas condições de vida e de trabalho, mas também pela conquista da sua emancipação e pela libertação de todos os explorados e oprimidos.

No nosso país, as comemorações deste dia, durante os 48 anos da longa noite fascista, foram proibidas e severamente reprimidas. Tenho presente, particularmente, a minha participação (tinha então 19 anos) nas comemorações do 1º de Maio de 1962, na Baixa de Lisboa, as quais foram consideradas como uma das maiores e mais combativas manifestações, até então realizadas, contra a ditadura de Salazar.

Toda a gente sabia do apelo para a manifestação. Por toda a cidade e respectiva periferia se comentavam as inscrições, os manifestos, os cartazes que, clandestinamente, tinham sido distribuídos durante a semana, nos cinemas, nas ruas, nos mercados, nas empresas, afixados nas paredes, aos milhares.

A partir das 5 horas da tarde, começaram a concentrar-se no Terreiro do Paço e na zona da Baixa muitos milhares de manifestantes que a polícia não conseguia fazer dispersar: operários com as suas lancheiras, estudantes, mulheres, empregados, intelectuais. A pouco e pouco iam chegando novos

grupos de trabalhadores e de jovens para participarem na manifestação.

Às 7 horas, a Baixa estava ocupada com largos milhares de manifestantes que começaram a dar vivas à Liberdade e a cantar, num coro impressionante e comovente, o Hino Nacional. É então que as companhias móveis da polícia, os esquadrões de cavalaria da GNR e as brigadas da PIDE se lançaram sobre os manifestantes para os fazer dispersar, tentando prender os que mais se destacavam. Mas não tiveram tarefa fácil porque encontraram pela frente uma enérgica resistência do povo, encabeçada por grupos de

Com a selvajaria habitual, as forças repressivas espancavam indiscriminadamente homens, mulheres e crianças, lançavam granadas de gases lacrimogéneo e jactos de água tingida sobre a multidão que recuava para se reagrupar de novo, gritando a plenos pulmões: «temos fome!», «assassinos!», «abaixo o fascismo»,! «Amnistia! Liberdade!»

operários e de estudantes.

Travou-se uma luta violenta que se prolongou por várias horas. O centro da cidade, onde todo o trânsito fora cortado pela polícia, foi teatro de autênticas batalhas campais. Com a selvajaria habitual, as forças repressivas espancavam indiscriminadamente homens, mulheres e crianças, lançavam granadas de gases lacrimogéneo e jactos de água tingida sobre a multidão que recuava para se reagrupar de novo, gritando a plenos pulmões: «temos fome!», «assassinos!», «abaixo o fascismo»,! «Amnistia! Liberdade!»

Nem mesmo as rajadas de metralhadora desencorajavam os manifestantes que se deitavam no chão para escapar aos tiros e voltavam a avançar empunhando pedras arrancadas da calçada, postes e placas das paragens, ferros e tudo o que podiam arrancar das ruas.

Nos locais de maior confronto, candeeiros, montras e vidraças ficaram estilhaçados. Os feridos não se contavam apenas do lado dos manifestantes, mas também do lado das forças policiais. No rescaldo, o conhecimento que se tem é que, um jovem operário, Estêvão Girão, foi morto.

Mas tudo isto não foi em vão. Estas e muitas outras lutas desenvolvidas contra a ditadura, com confiança e determinação, foram o fermento indispensável para o êxito da Revolução dos cravos, em 25 de Abril de 1974, e para que as comemorações do 1º de Maio, que se lhe seguiram e, desta vez, em liberdade, tivessem constituído a maior manifestação de sempre jamais realizada em Portugal.

ACORDOS CELEBRADOS

CARTÃO CGTP

Novas Oportunidades para o Trabalhador no acesso à Cultura, Desporto e Tempos Livres

→ O Departamento de Cultura e Tempos Livres da CGTP-IN está a desenvolver um projecto que consiste na criação de um CARTÃO CGTP, a que vão estar associados vários benefícios para todos os trabalhadores sócios dos sindicatos filiados na CGTP-IN. O objectivo é que os trabalhadores possam ter acesso a um conjunto de bens e serviços, desde a cultura, desporto, tempos livres e possivelmente a educação, de forma mais acessível que aquilo que é normal nestas áreas.

→ O Cartão CGTP tenta assim criar, de uma forma ampla, um conjunto de benefícios que sirvam também para atrair novos sócios aos sindicatos do Movimento Sindical Unitário, contribuindo para a ocupação dos seus tempos livres.

→ Actualmente, para aceder aos benefícios, devem todos os interessados apresentar nos diversos locais com protocolo o cartão de sócio do respectivo sindicato, indicando que tem conhecimento do Protocolo com a CGTP-IN. Estamos a trabalhar para que no futuro o Cartão CGTP-IN tenha mesmo existência física.

A informação actualizada sobre o CARTÃO CGTP constará na página da Internet e nos vários números do boletim CGTP Cultura. Para mais informações deverá ser contactado o Departamento de Cultura e Tempos Livres, através da Carla Alves, Telf. 213 236 656 ou carla.alves@cgtp.pt

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA
Av. Prof. Egas Moniz
2804-503 Almada
50% de desconto

A BARRACA

COMPANHIA DE TEATRO
Largo de Santos, 2
200-808 Lisboa
Tel: 21 396 53 60
Fax: 21 395 58 45
barraca@mail.telepac.pt
www.abarraca.com
25% de desconto

Em cena
"Felizmente Há Luar", de Luiz de Sttau Monteiro, Maio e Junho

A ESCOLA DA NOITE

GRUPO DE TEATRO DE COIMBRA
Rua Pedro Nunes – Oficina Municipal do Teatro
Quinta da Nora
3030-199 Coimbra
Tel: 23 971 82 38
Fax: 23 970 53 67
Telemóvel: 96 630 24 88
geral@aescoladanoite.pt
www.aescoladanoite.pt
20% de desconto

Em cena
"Na Estrada Real", de Anton Chekov, Junho

A JANGADA

COOPERATIVA PROFISSIONAL DE TEATRO
Quinta das Pocinhas > 4020 Lousada
10% de desconto

ACTA

A COMPANHIA DE TEATRO DO ALGARVE
Escritório: R. Antero de Quental, 119
8000-210 Faro
Estúdio: R. Cunha Matos, 23 > 8000-262 Faro
Tel: 289 878 908 > 289 882 703
Fax: 289 882 704
geral@actateatro.org.pt
www.actateatro.org.pt
30% de desconto

AQUILO TEATRO

Largo do Torreão s/n Apartado 134
6301 Guarda
Tel/Fax: 271 222 499
aquilo.teatro@sapo.pt
50% de desconto

CENA ABERTA

COMPANHIA TEATRAL DE SANTARÉM
Largo Padre Francisco Nunes da Silva, n.º 3
2000-134 Santarém
Tel/Fax: 243 328 854
Telemóvel: 919 850 590 (Alexandra Baptista)
cena.aberta@mail.telepac.pt
30% de desconto

CENDREV

CENTRO DRAMÁTICO DE ÉVORA
Teatro Garcia de Resende
Prçª Joaquim António de Aguiar
7000 Évora
Tel: 266 703 112 > 266 741 181
cendrev@mail.evora.net
www.evora.net/cendrev
30% de desconto

CHÃO DE OLIVA

COMPANHIA DE TEATRO DE SINTRA
Rua Veiga da Cunha, 20
2710-627 Sintra
Tel: 219 233 719
Fax: 219 231 446
Telemóveis: 912 206 384
916 168 639
chaodeoliva@chaodeoliva.com
50% de desconto

Em cena
"Casa de Boneca", de Ibsen, ante-estreia
17 Maio, Casa de Teatro de Sintra

CHAPITÔ

COLECTIVIDADE CULTURAL
E RECREATIVA DE SANTA CATARINA
Costa do Castelo, n.º 1/7
1149-079 Lisboa
Tel: 218 855 550
Fax: 218 861 463
mail@chapito.org
www.chapito.org
25% de desconto

Em cena
"Noite de Reis: 10 Personagens e um Cão",
de 24 Maio a 3 Junho

CIRAC

CÍRCULO DE RECREIO,
ARTE E CULTURA DE
PAÇOS DE BRANDÃO
Av. da Sobreira
4538-251 Paços de Brandão
Tel: 227 448 625
15% de desconto

COMPANHIA DE TEATRO DE BRAGA

TEATRO CIRCO
Av. da Liberdade, 697
4710-251 Braga
Tel: 253 217 167
253 262 403
Fax: 253 612 174
ctb@mail.telepac.pt > info@ctb.pt
www.ctb.pt
50% de desconto

COMUNA

TEATRO PESQUISA
Praça de Espanha
1070-024 Lisboa
Tel: 21 722 17 70/6
Fax: 21 722 17 71
geral@teatrocomuna.pt
www.comunateatropesquisa.pt
50% de desconto

ENSEMBLE

SOCIEDADE DE ACTORES
Travessa da Telheira – Telheiró Avioso
(Santa Maria)
Tel: 229 826 318

LUA CHEIA

TEATRO PARA TODOS
Rua da Casquilha, 16, 7.º Dto
1500-152 Lisboa
Tel: 214 430 591
Telemóvel: 966 046 448 (Ana Enes)
Fax: 210 093 444
teatro@luacheia.pt
www.luacheia.pt
15% de desconto

ACORDOS CELEBRADOS

MARIONETAS, ACTORES E OBJECTOS

GRUPO DE TEATRO

Largo de São Domingos, 46 r/c
4900-330 Viana do Castelo

Telemóvel: 964 596 313

(Carla Magalhães)

marionetas.viana@gmail.com;
marionetas_viana@hotmail.com
www.teatrinho.com.pt

50% de desconto

QUARTA PAREDE

ASSOCIAÇÃO DE ARTES

PERFORMATIVAS DA COVILHÃ

Rua Celestino David, lote 4, r/c dto
6200-072 Covilhã

Tel/Fax: 275 335 686

Telemóvel: 969 785 313

969 014 254

qp@quartaparede.com
www.quartaparede.com

40% de desconto

TEATRO 3 EM PIPA

ASSOCIAÇÃO DE

CRIAÇÃO TEATRAL

E ANIMAÇÃO CULTURAL

Monte Novo do Serrinho

Apartado 150

7630 Odemira

Tel: 283 386 649

Fax: 283 386 649

Telemóvel: 96 233 94 69

3empipa@sapo.pt

www.teatro3empipa.com

20% de desconto

TEATRO ART'IMAGEM

Rua da Picaria, 89

4050-478 Porto

Tel: 22 208 40 14

Fax: 22 208 40 21

producao@teatroartimagem.org

www.teatroartimagem.org

30% de desconto

TEATRO CASA DA COMÉDIA

FILIFE CRAWFORD

PRODUÇÕES TEATRAIS

Rua São Francisco de Borja, n.º 22

1200-843 Lisboa

Tel: 213 959 417/8

Fax: 213 959 419

casadacomedia@mail.telepac.pt

www.filipecrawford.com

Desconto conforme a época teatral

TEATRO DA CORNUCÓPIA

TEATRO DO BAIRRO ALTO

R. Tenente Raúl Cascais, 1-A

1250-268 Lisboa

Tel: 213 961 515 > 213 969 205

Fax: 213 954 508

info@teatro-cornucopia.pt

www.teatro-cornucopia.pt/htmls/home.shtml

20% de desconto

Em cena

"A Gaivota", de Anton Chekov, 10 a 20 de Maio,
Teatro Municipal de Almada, 31 Maio a
24 de Junho, Teatro do Bairro Alto, Lisboa

TEATRO DA GARAGEM

TEATRO TABORDA

Costa do Castelo, 75 > 1100-178 Lisboa

Tel: 218 854 190 > **Fax:** 218 688 550

geral@teatrodagaragem.com

www.teatrodagaragem.com

50% de desconto

Em cena

"Seres Humanos", de Martim Pedroso,
17 Maio a 3 Julho; "Comédia em 3 Actos",
de Carlos J. Pessoa, 14 Junho a 1 Julho

TEATRO DAS BEIRAS

Travessa da Trapa, 2 – Apartado 261

6201-909 Covilhã

Tel: 275 336 163 > **Fax:** 275 334 585

Telemóvel: 96 305 59 09

geral@teatrodasbeiras.pt

www.teatrodasbeiras.pt/home.asp

40% de desconto

Em cena

"Férias Grandes Com Salazar", Maio, Teatro
D. Maria II; "A Arca dos Sonhos", Maio, Porto,
Biblioteca Almeida Garret e Almada,
Teatro Extremo

TEATRO DE ANIMAÇÃO DE SETÚBAL

Forum Municipal Luisa Todi > 2900 Setúbal

Tel: 265 532 402 – **Fax:** 265 229 130

tas.setubal@netcabo.pt

25% de desconto

TEATRO DE MARIONETAS DO PORTO

Rua de Belomonte, 57 > 4050-097 Porto

Tel: 222 083 341

Fax: 222 083 243

teatro@marionetasdoporto.pt

www.marionetasdoporto.pt

20% de desconto

Em cena

"Bichos do Bosque", de João Paulo Seara
Cardoso. 8 a 12, 16 a 31 de Maio e 8 a 17 de
Junho, Porto, Balle teatro Auditório

TEATRO DO BOLHÃO

ACADEMIA CONTEMPORÂNEA

DO ESPECTÁCULO

Praça Coronel Pacheco, n.º 1

4050-453 Porto

Tel: 222 089 007

Fax: 222 080 052

teatrodobolhao@ace-tb.com

50% de desconto

TEATRO DO NOROESTE

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA

Rua Sá de Miranda > 4900 Viana do Castelo

Tel: 258 822 805

teatro-municipal@cm-viana-castelo.pt

www.cm-viana-castelo.pt/teatro/noroeste.htm

50% de desconto

TEATRO D'O SEMEADOR

TEATRO DE PORTALEGRE

Convento de Santa Clara Apartado 264

7300-901 Portalegre

Tel: 245 207 894

25% de desconto

TEATRO DOS ALOÉS

COMPANHIA PROFISSIONAL DE TEATRO

Rua António Ferreira, n.º 1 - 9.º Dto

2700-134 Santarém

50% de desconto

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO

Av. Marechal Carmona, 6 B

Tel: 214 670 320

Fax: 214 832 186

t.e.c@netcabo.pt

www.tecascais.org

50% de desconto

Em cena

"A Visão de Amy", de David Hare

TEATRO EXTREMO

Rua Serpa Pinto, n.º 16, Apartado 124

2801-801 Almada

Tel: 212 742 220

212 723 660 (Escritório)

Fax: 212 723 669 (Escritório)

teatro@teatroextremo.com

www.teatroextremo.com/te.htm

25% de desconto

Em cena

"Sementes – Mostra Internacional de
Artes para o Pequeno Público",
5 Maio a 11 Junho, Almada, Odivelas,
Seixal, Palmela, Moita, Montemor-o-Novo
e Aveiro

TEATRO INFANTIL DE LISBOA

Rua Tereiro do Trigo, n.º 66, 5.º C

1100-604 Lisboa

Tel: 218 860 503

217154 057 (Bilheteira)

Fax: 218 872 558

info@til-tl.com

www.til-tl.com

7,00€ de desconto por bilhete

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

Praça da Batalha > 4000-102 Porto

Linha verde: 800 108 675

Tel: 223 401 900

Fax: 222 088 303

geral@tnsj.pt

www.tnsj.pt

5€ na compra de bilhetes

para os espectáculos do TNSJ,

para lugares de Plateia (também no
Teatro Carlos Alberto) e Tribuna;

50%, incluindo acompanhante,

mediante aquisição dos bilhetes

com 48 horas de antecedência.

Em cena

"A Filha Rebelde", de José Pedro
Castanheira e Valdemar Cruz, 5 a
6 de Junho; "O Avarento", de José Maria
Vieira Mendes, 27 Junho a 8 Julho

TEATRO O BANDO

Vale de Barris – Apartado 152

2950-055 Palmela

Tel: 212 336 850

Fax: 212 334 241

geral@obando.pt

www.obando.pt

Preço único de 5€

TEATRO PÉ DE VENTO

COLECTIVO DE ANIMAÇÃO TEATRAL

Rua da Vilarinha, 1386

4100-513 Porto

Tel: 226 108 924

pevento@clix.pt

50% de desconto



Escola Profissional Bento de Jesus Caraça

Inscrições abertas para o ano lectivo 2007/2008 *

Escolas em:

Barreiro
Beja
Lisboa
Mértola
Pedome
Porto
Seixal

Cursos Educação Formação

Contabilidade
Desenho Gráfico
Assistente Comercial
Técnico de Informática
Operador de Armazém
Operador de Informática
Organização de Eventos
Assistente Administrativo
Assistente da Acção Educativa
Segurança e Higiene no Trabalho
Informática Instalação e Gestão de Redes

Visita-nos em www.epbjc.pt

Curso diurnos e pós-laborais do 7º ao 12º ano

Cursos Profissionais

Comunicação, Mark. Rel. Públicas e Publicidade
Gestão de Equipamentos Informáticos
Higiene e Seg. do Trabalho e Ambiente
Gestão Prog. Sistemas Informáticos
Biblioteca, Arquivo e Documentação
Informática de Gestão
Animador Sociocultural
Análise Laboratorial

Inscrições e informações *on-line*: www.epbjc.pt
Informações: 21 325 53 28 E-mail: informacoes@epbjc.pt

